

A APRENDIZAGEM E A DEFICIÊNCIA INTELECTUAL: UM ESTUDO DE CASO

Shirley Serra Washington da Costa Lima¹; Kátia Aparecida da Silva Aquino²

*Centro Universitário Leonardo Da Vinci - Uniasselvi - shirleyswcl@hotmail.com
Colégio Aplicação da Universidade Federal de Pernambuco- aquino@ufpe.br*

Introdução

No cenário atual ainda existem pessoas que pensam que os deficientes intelectuais não têm capacidade para produzir, que não tem condições de estarem inseridos no âmbito social, político e religioso, pois cada momento é classificado de maneiras diferentes, principalmente como se fossem incapazes. De acordo com Krynski (1983), esse tipo de deficiência é um vasto complexo de quadros clínicos, produzidos por várias etiologias e que se caracteriza pelo desenvolvimento intelectual insuficiente, em termos globais ou específicos.

Partindo do pressuposto que todos têm o direito a educação e devem estar inseridos em todos os ambientes é necessário que o suporte para indivíduo com deficiência intelectual seja real. Os deficientes não conseguem desenvolver um raciocínio rápido, nem solucionar um problema, planejamento, têm o pensamento abstrato, ingênuo, por isso tem uma dificuldade nos raciocínios. O deficiente intelectual nem sempre tem independência pessoal, o seu juízo de valor também é comprometido e por isso é recomendado entender o nível cultural no qual o indivíduo está inserido na sociedade. É necessário que o deficiente intelectual tenha auxílio para que tenham o controle para se colocarem em meio à sociedade (LÓ, 2010).

Os direitos do deficiente intelectual são assegurados por lei, mas precisam ser cumpridos. A aprendizagem pode ser significativa desde que receba uma orientação adequada para o seu desenvolvimento cognitivo. Na Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015 é encontrado:

art. 27. A educação constitui direito da pessoa com deficiência, ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem.

Os deficientes intelectuais muitas vezes precisam de apoio medicamentoso, pois estão associados a esta condição outros tipos de dificuldades como epilepsia, convulsão. Assim, este indivíduo precisa receber uma atenção mais apropriada quando está inserido no ambiente escolar. É de suma importância frisar que a deficiência intelectual não impede o indivíduo de evoluir, conquistar novo conhecimento e iniciar uma vida educacional. É importante a valorização de cada momento de evolução da aprendizagem conquistado pelos deficientes intelectuais. Então o trabalho emocional é um caminho privilegiado para que os deficientes intelectuais não se sintam frustrados e que não desenvolvam a falta de estímulo caracterizando o desinteresse pelo estudo. Stainback e Stainback (1999) esclarecem que:

(...) Em contraste, o ensino inclusivo proporciona as pessoas com deficiência, à oportunidade de adquirir habilidades para o trabalho e para a vida em comunidade. Os alunos aprendem como atuar a interagir com seus pares, no mundo "real". Igualmente importante, seus pares e professores também como agir e interagir com eles (STAINBACK e STAINBACK, 1999, p.25).

É necessário que haja comprometimento de todos que estão envolvidos no desenvolvimento dos deficientes intelectuais para que eles desenvolvam em conhecimento e

façam parte dessa inclusão. Assim, eles ficarão mais próximos da realidade podendo conhecer novos caminhos de evolução. Sasaki (1997) sugere que se use o sistema de companheirismo (trabalhar em duplas ou pequenos grupos) e preparar versões simplificadas do material didático. Todo esse contexto ajudará no processo de ensino aprendizagem do deficiente intelectual.

Em alguns momentos se pode pensar que deficiência é uma doença, mas é uma limitação que não os impede de receberem o ensino adequado para evoluir cognitivamente com êxito. Os deficientes intelectuais necessitam de oportunidades para superar suas frustrações que por ventura venham à tona como a baixa autoestima, a não aprendizagem imediata. Não raramente esta última faz com que o deficiente intelectual pense que não haverá solução para a sua aprendizagem, mesmo que mínima, e com isso se sinta realmente limitado.

Por outro lado, as interações do deficiente intelectual com os outros indivíduos nem sempre é harmoniosa, pois existem as desigualdades sociais que ainda imperam nos dias de hoje dificultando assim, o acesso dos deficientes em ambientes mais significativos para eles. Se o deficiente intelectual não consegue captar esses sentidos e está inserido em ambientes diversos, ele não consegue ter a percepção adequada para processar todo o conhecimento que por ventura venha a adquirir. O conhecimento gradativo torna o processo de aprendizagem mais eficaz nos casos de deficiência intelectual. O básico para os deficientes intelectual são conquistas importantíssimo que os fazem desenvolver, dentro de suas limitações, mas que acontece no momento adequado da sua evolução (DIAS, 2010 e KRYNSKI, 1983).

A compreensão da leitura, que é deficitária por causa do seu desenvolvimento cognitivo ser comprometido, a percepção, a memória, o raciocínio, a imaginação, o pensamento e a linguagem são importantíssimas para uma evolução do conhecimento e que ficam comprometidas com a falta de interação social. De acordo com as interações os indivíduos vão chegando a sua evolução gradativa (DIAS, 2010). Neste cenário este trabalho mostra que estratégias adequadas de aprendizagem podem impactar na evolução de deficientes intelectuais em fase de alfabetização.

Metodologia

Neste trabalho foi acompanhada a evolução de aprendizagem de uma deficiente intelectual, durante três meses, encontros com duração de cinquenta minutos, duas vezes na semana em um ambiente conduzido por uma psicopedagoga. As estratégias utilizadas para o desenvolvimento da deficiente intelectual foram atividades para o desenvolvimento da coordenação motora fina como: pintura, registro em papel das vogais e consoantes, utilização de cores primárias, como também uso de vídeos para identificação de vogais e jogos de dominó com vogais e consoantes. Atividades com a finalidade de estimular o uso do alfabeto, sílabas, palavras, construção de textos orais e desenhos também foram utilizadas.

Resultados e Discussão

A deficiente intelectual A (D.I.A.) é uma jovem de 17 anos, muito tímida, que só acenava com a cabeça “sim ou não”. Tinha muito apego às bonecas, amanhecida toda dolorida porque D.I.A dormia em cima das bonecas e através de orientações ela foi liberando, pouco a pouco, tais brinquedos. O trabalho teve início com uma das bonecas que foi utilizada para contar história. Assim, D.I.A começou o desapego das bonecas melhorando, então, sua dicção, por perceber que ela imitava o som da boneca que ela imaginava existir. O grande avanço aconteceu quando D.I.A resolveu fazer a doação das bonecas.

Do ponto de vista social, D.I.A convive somente com a mãe, o pai abandonou a família por ela ser deficiente intelectual, ela faz balé e natação por orientação profissional. Uma

dificuldade que D.I.A tinha era de liberar a mão esquerda para que pudesse ser trabalhada a sua coordenação. No início D.I.A, não sabia nem desenhar, mas conseguia fazer garatuja desordenada, tinha traços sem representação de desenhos. Hoje D.I.A, mostra grande evolução, ela desenha o corpo humano, discrimina as partes do corpo através de uma imagem visual. Cabe salientar que D.I.A não desenhava os braços, provavelmente pela sua dificuldade motora, então foram intensificados os trabalhos manuais. D.I.A, ainda não consegue distinguir as cores, mas já sabe desenhar o sol, aranha, flor, o que pode sugerir que a aprendiz está entendendo como é o formato das coisas, uma evolução para seu quadro. A deficiente intelectual A. chegou sem reconhecer vogais e muito menos consoantes; existia muito pouca interação com o professor e demais colegas. Porém, D.I.A ao ser estimulada para uma convivência de interação, apresentou uma repercussão muito significativa, pois ela começou a se comunicar mais com os demais colegas e responder a aprendizagem proposta com mais entusiasmos, tendo iniciativa para falar as palavras e letras apresentadas. D.I. A., tem uma dificuldade motora, na mão esquerda e na perna esquerda, mas a mãe relatou que em alguns momentos o problema aparece nas duas mãos o problema. As atividades na hora da escrita foram realizadas com lápis grosso e a coordenação apresentou melhora significativa, os traços foram ficando mais definidos e evoluiu para a utilização de lápis comum. O trabalho com as cores vermelho, amarelo e azul, com tinta guache, estimulou a sua escrita. D.I. A identifica a letra “A” do seu nome e a letra “E” do nome da sua mãe. Consegue identificar também a letra “I” de índio e a letra “O” de ovo e óculos através de estímulos através de questionamento como: Como é a letra do índio? Como é a letra do ovo ou óculos? Por outro lado, a letra “U” é a única que D.I.A está com dificuldades, nesta letra ainda são necessários avanços. Assim, D.I.A. foi se familiarizando com as vogais para iniciar a formação de palavras com alfabeto móvel e, então, escrever algumas palavras através de ditado. Com o uso de vídeos postados na internet, para identificar vogais, D.I.A. via os personagens e dizia qual a trama que o personagem correspondia. Nesta atividade foi trabalhada a lateralidade e a coordenação motora pelo manuseio do mouse do computador, além das atividades manuais com cadarço entre as vogais e jogos de boliche para trabalhar a coordenação motora fina.

As letras para a D.I.A não tinham uma definição mais precisa na escrita. Foram sendo assimiladas e se chegou as letras mais definidas e que foram se aproximando mais do ideal proposto. Com o avanço do reconhecimento das vogais e consoantes, pode-se observar que houve também avanços quanto a coordenação motora, uma vez que D.I.A não apresentava o manuseio de pinça com as mãos.

O desenvolvimento motor de D.I.A foi ainda mais trabalhado com a produção de cenários com massa de modelar. A Figura 1 mostra tanto o uso das mãos de forma mais firme (Figura 1a e 1b), bem como o reconhecimento de cores e sua relação corente com a natureza sendo amarela para o sol, vermelha para a flor e branca para a nuvem (Figura 1c). Este processo de relação das cores, que antes não faziam parte da sua estrutura cognitiva, e que agora se transforma em um subsunçor para compor elementos da natureza é um forte indício de uma aprendizagem significativa em curso. O sol, por exemplo, é um elemento da natureza que para D.I.A passa a ter muito mais significado se for amarelo. Novas interações, e mais significativas, passam a fazer parte da sua estrutura cognitiva.



Figura 1. Uso das mãos (a e b) e relação de cores (c) realizadas por D.I.A

Conforme pode ser visualizado na Figura 2, D.I.A inicia sua evolução na escrita. Através da referida Figura podemos observar as letras mais definidas, finalizadas quanto ao nome que é a união de todo o conhecimento adquirido até o momento da assimilação das letras do alfabeto. Na Figura 2a já é possível observar os sinais da identificação das vogais e consoantes, as assimilações cognitivas do seu nome (Figura 2b), letras mais claras, coordenação mais fina e a evolução para o fechamento do nome conforme pode ser visualizado na Figura 2c.

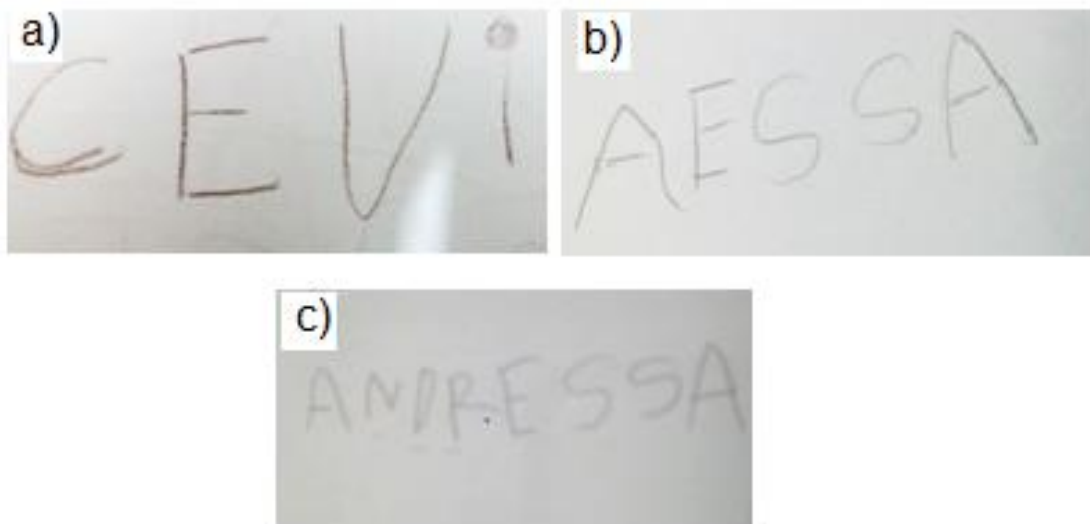


Figura 2. Evolução da escrita da D.I.A

A D.I.A não conseguia identificar todas as características definidas do corpo humano e nem os órgãos dos sentidos, ou seja, não apresentava compreensão mais completa do corpo humano, conforme pode ser observado na Figura 3a. Em adição, percebe-se que D.I.A representa a letra “E” invertida com o preapresentação de um corpo. Inclusive esta letra era a única conhecida por D.I.A no início das atividades. Podemos considerar aqui, que a letra “E” é o único subsunçor para desenvolvimento de novas associações do ponto de vista da escrita de D.I.A. Todas as associações de significado começaram pela letra “E” (ao invés da letra “A”), numa tentativa de dar sentido a este subsunçor através de palavras que começavam com esta letra. Conforme pode ser visto na Figura 2, D.I.A, após o envolvimento com materiais potencialmente significativos como jogo da memória e vídeos infantis de vogais, apresenta uma organização de letras que reflete uma modificação dos seus conhecimentos prévios, até chegar a um sentido, que é seu próprio nome. Cabe salientar que a letra “E” é a primeira do nome da sua mãe, o que mostra que relações afetivas são muito importantes para um deficiente intelectual. Na Figura 3b D.I.A já mostra uma organização de pensamento ao

desenhar o corpo humano mais característico com tronco, cabeça e pés, faltando apenas os braços. A falta dos braços pode ser atribuída a sua própria condição física (encurtamento dos braços), o que parece refletir nas suas representações.

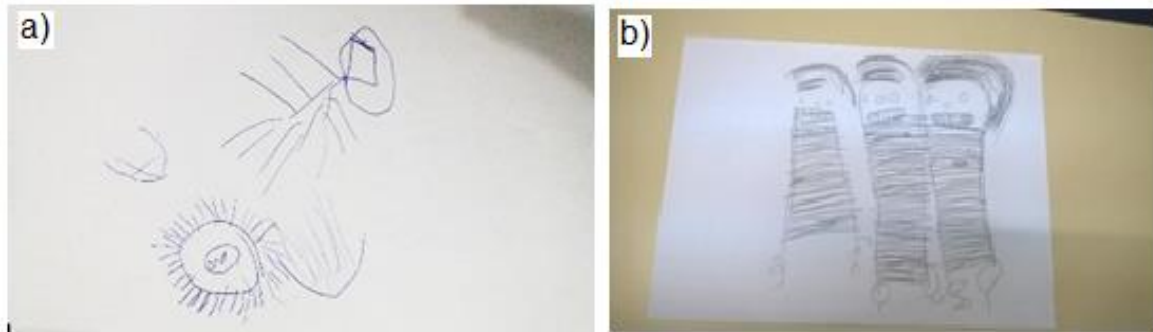


Figura 3. Evolução motora da D.I.A

Os resultados descritos para D.I.A. sugerem que os conceitos primordiais para o desenvolvimento cognitivo e social se acomodaram de forma significativa. Os ganhos a nível intelectual permitem que novos conhecimentos pudessem ser trabalhados para possibilitar o desenvolvimento de um indivíduo pleno, autônomo e com mais consciência emocional.

Conclusões

Podemos concluir que se o deficiente intelectual receber o estímulo adequado e tiver contato com o material instrucional adequado, que tenha significado para este indivíduo, a promoção de uma aprendizagem se dará com maior sucesso e com mais sentido. Para isso é necessário realizar um trabalho que parta dos conhecimentos prévios de cada deficiente. Por outro lado, os profissionais envolvidos devem ter compromisso com o processo e a sociedade precisa dar oportunidades para que estes deficientes sejam inseridos em todos os ambientes. É necessário que as leis sejam cumpridas para que os deficientes tenham a proteção de, no seu tempo, adquirir o conhecimento adequado, assim ele poderá evoluir com cidadania.

Referências

DIAS.F. **O desenvolvimento cognitivo no processo de aquisição de linguagem.** *Letrônica.* v.3, n.2, p. 107-119, 2010.

KRYNSKI, F.B. S. **Novos rumos da deficiência mental,** São Paulo. Ed. Sarvier, 1983.

LEI 13.146/2015 (Estatuto Pessoal com Deficiência) **Revista dos Tribunais/** vol. 962/2015/p.65-80/Dez/2015.

LÓ, J, E, D. Uma escola para todos e para cada um: escola inclusiva, uma comunidade de aprendizes. **Conjectura: filosofia e educação.** v.15, n.1, p.129-134, 2010.

STAINBACK, S.; STAINBACK, W. **Inclusão: Um guia para educadores.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

SASSAKI, R. K. **Inclusão: Construindo uma sociedade para todos.** 3. ed. Rio de Janeiro: WVA, 1999.